

A RELAÇÃO ENTRE CIÊNCIA E IDEOLOGIA EM A IDEOLOGIA ALEMÃ

Bolsista: Nara Roberta Molla da Silva (nararoberta@gmail.com)

Orientador: Prof. Dr. Jesus José Ranieri

IFCH – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Fapesp – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

Palavras-chaves: Ideologia – Ciência – Marx

Introdução

Esta pesquisa de iniciação científica tem como objeto específico a obra *A ideologia alemã*, escrita por Karl Marx e Friedrich Engels em 1845-46. Consideramos, no desenvolvimento da presente pesquisa, que o foco em um escrito não é, por sua vez, o mesmo que deslocá-lo da produção teórica marxiana como um todo; ao contrário, analisar uma obra implica em situá-la historicamente em meio a tal conjunto. Fazendo isso, é possível afirmar, ao contrário da polêmica colocada comumente colocada, que *A ideologia alemã* está ligada às formulações anteriores e não é um ponto de ruptura no pensamento marxiano. Buscamos então, levando em conta a devida interligação, analisar a relação entre os elementos “ciência” e “ideologia” neste escrito específico.

Desenvolvimento da pesquisa

Para o início da pesquisa, precisamos retornar aos *Manuscritos econômico-filosóficos*. Em tal obra, apreendemos que Marx inicia uma dura crítica à economia política, à filosofia de Hegel e aos neohegelianos. Tais críticas estabelecem-se a partir de dois elementos, a saber: capital e trabalho. A partir deste, Marx destrói a ilusão especulativa (neo)hegeliana, a determinação da consciência, e explicita as contradições nas quais incorre a economia política, justamente em função do lugar degradante que ocupa o trabalho, frente ao capital, o qual, porém, não existiria sem aquele. Ao longo dos *Manuscritos*, Marx marca, entre outros aspectos, o trabalho como elemento que funda não só o capital, mas, na verdade, o próprio homem enquanto tal, toda a vida humana e todas as outras formas de práxis social.

Em relação à crítica aos neohegelianos, temos que, iniciada nos *Manuscritos* e sempre presente nas formulações de Marx deste período, ela concretiza-se e atinge seu refinamento n'A *ideologia alemã*, à medida que, nesta obra, em função da maturidade teórica e política de Marx, é exposto, em contraposição ao idealismo, um novo sistema, através da elucidação, pelos autores, de sua concepção de história. Em outras palavras, n'A *ideologia alemã*, Marx alça suas análises a um nível mais universal, compreendendo o movimento da realidade através da interação entre forças produtivas e intercâmbio, interação esta que constitui o que conhecemos como modo de produção – o qual, pelo que explicita o próprio Marx, não deve ser entendido como próximo a um utilitarismo econômico e, sim, como *produção e reprodução da vida humana*.

A determinação material que sublinha Marx não deve ser entendida de maneira simplista e/ou mecanicista. O destaque a tal determinação deve, sim, ser explicado pelo objetivo claro dos autores em refutarem as proposições dos neohegelianos, os quais vêem a elucidação teórica de uma questão real como a própria questão real, supervalorizando, então, a consciência. Em oposição a isso, a “radicalidade” de todas as esferas da vida humana no processo de trabalho leva-nos a considerar o lugar do elemento subjetivo frente à realidade objetiva distintamente. Marx expõe, n'A *ideologia alemã*, que a consciência é um produto tardio do desenvolvimento social; porém, por tal não pode ela ser considerada como um elemento sem valor. Contra o idealismo, os autores vêm alertar-nos que a consciência só existe enquanto originada pela realidade, pelo desenvolvimento material, mas que, por sua vez, ela permite a própria continuidade deste, retroagindo sobre o mesmo.

Com atenção à determinação material, fruto da necessária relação com o processo de trabalho, o primeiro ponto a ser ressaltado, numa análise sobre a ciência, é a unidade entre conhecimento e prática – algo bastante sublinhado nas *Teses sobre Feuerbach*. Com a “ciência real e positiva” – caracterização presente n'A *ideologia alemã* –, temos, em Marx, uma perspectiva resolutiva de diversos impasses teóricos, à medida que não é mais buscada uma solução intrafilosófica, e sim uma solução ancorada na própria realidade. Todo conhecimento é visto como fruto de uma necessidade social e somente possível através dela, de modo a visar, então, o desenvolvimento do ser social. Mais precisamente, o conhecimento é historicamente construído, dependente das condições objetivas que o tornam viável.

É importante não considerarmos a proposição marxiana de unidade entre teoria e prática unicamente como uma “chave de leitura”, nos marcos de um campo heurístico. As colocações de Marx contra o idealismo revelam, para além de uma defesa do materialismo enquanto “interpretação do mundo” e de uma mudança de ponto de partida para a análise, a afirmação da existência de uma realidade *que é, que existe* e, nesse sentido, independente do indivíduo que a busca analisar.

Desse modo, considerando a abstração enquanto um momento da investigação, Marx apreende que o procedimento científico correto deve revelar os nexos reais de seu objeto, o seu movimento histórico de constituição. A *capacidade de compreensão* da qual é dotada o homem em função do trabalho é, então, característica da ciência, mas é preciso ter sempre em mente, porém, que, como dissemos, este mesmo objeto existe independentemente da cognição do investigador.

N'A *ideologia alemã*, Marx, ao empreender sua análise histórica, revela o caráter “reacionário” das formulações científicas que isolam o aspecto *atividade*, a determinação material, das outras esferas da vida humana – como o fazem, ainda que distintamente entre si, os neohegelianos e os “socialistas verdadeiros”. Revelando tal caráter, Marx coloca-se prontamente contra a fragmentação do conhecimento – que, à época, já ganhava força –, típica de uma concepção (pequeno) burguesa e fruto de uma divisão social do trabalho cada vez mais aguda. É assim que temos, na teoria marxiana, a concepção de totalidade bastante marcada, com a impossibilidade de se enxergar as esferas do conhecimento autonomamente.

É preciso sublinhar, porém, que ao pensamento não cabe somente a apreensão da totalidade do real, numa postura passiva. Além da *totalidade*, temos também, na caracterização da ciência marxiana, um aspecto *totalizante*, que expressa a presença ativa do elemento subjetivo. Em outras palavras, se recordarmos que o pensamento retroage sobre a realidade, compreendemos que a este cabe também a síntese de elementos constituintes desta, a organização do conhecimento e a antecipação deste.

Considerações finais

A partir disso, julgamos ter levantado alguns aspectos que nos capacitam a discutir a relação entre ciência e ideologia no marxismo e, em especial, n'A *ideologia alemã*.

Acreditamos que o livro é marcado por três momentos, ainda que não lineares ao longo da exposição: afirmação da determinação material, análise histórica nos marcos desta perspectiva e proposição. Este último divide-se em dois objetivos políticos. O primeiro, mais imediato e por nós já afirmado, é o desvelamento do caráter pequeno-burguês de seus interlocutores, os quais, inclusive, colocam-se como (falsamente) progressistas e/ou revolucionários. O segundo – mais mediato – é a apresentação de uma saída para as mazelas da sociedade capitalista – por meio da ação do proletariado –, a partir, justamente, da análise da gênese e do desenvolvimento de tal sociedade. A ciência de Marx é, então, propositiva – algo por ele mesmo afirmado na parte sobre Stirner.

Em função de tudo que expusemos – principalmente este último aspecto –, não podemos, então, considerar a ideologia como totalmente negativa. Tomando o conjunto da obra marxiana, vemos que a ideologia, assim como todas as esferas da vida humana, relaciona-se com o ser social e que sua função, considerando tal relação, é a de dirimir conflitos sociais, é a busca de soluções para problemas sociais. É justamente o que faz Marx após sua análise histórica e, desse modo, a definição de ideologia como “falsa consciência” deve ser vista enquanto uma atribuição histórica bastante específica, ligada ao estabelecimento de uma posição política dos autores frente a seus “adversários”. Entre ciência e ideologia, portanto, não há uma cisão rígida, a despeito de suas diferenças claras.

Vale lembrar, por fim, que *ideologia* e *ciência* não foram questões tratadas por Marx de forma explícita e sistematizada, de modo que a contextualização histórica e a interligação de suas obras é um procedimento indispensável à compreensão e à elucidação de ambas.